

DESIGUALDADE SOCIAL: ACEITA E SUPORTADA, ÉTICA OU INJUSTA? UMA ABORDAGEM ALÉM DE PETER SINGER E STEVEN PINKER

Evandir A. Pettenon

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Direitos Sociais e Processos Reivindicatórios pelo Centro Universitário IESB.

Any Ávila Assunção

Doutora e mestra em sociologia jurídica pela Universidade de Brasília (UnB); coordenadora dos cursos de graduação e pós-graduação em Direito do Centro Universitário Instituto de Educação de Brasília (IESB); advogada

Resumo

Este artigo é resultado dos estudos e pesquisas realizadas na disciplina de Soluções de Conflitos Hermenêuticos: entre princípios concretizadores e contextos desiguais e mais especificamente da abordagem sobre Desigualdade social de Peter Singer na sua obra *Ética Prática* e de Steven Pinker na sua obra *O Novo Iluminismo*. Propomos fazer um diálogo com estes dois pensadores nos ancorando em outros filósofos e sociólogos como Levinas, Bauman, Boaventura, Paulo Freire, Byung-Chull Han, Enrique Dussel, que também abordam o tema. A questão a ser dialogada é se a desigualdade pode ser aceita e suportada como sendo ética ou injusta? A partir das leituras, das argumentações destes pensadores e seguindo o discipulado destes mestres intelectuais que nunca se furtaram ou se acovardaram de tomar posição e fazer a defesa a partir do seu campo epistemológico, também ousamos propor algumas reflexões e indicar alguns caminhos para possíveis soluções.

Palavras-chave: Desigualdade. Desigualdade social. Ética. Progresso. Peter Singer. Steven Pinker.

1. Introdução

A desigualdade social sempre rondou e causou preocupação para pessoas com uma certa sensibilidade e empatia pelos outros e com a sociedade. Há muito tempo faz parte dos estudos na Filosofia, na Sociologia, nas Ciências Sociais em geral. Alguns justificando como Platão na sua obra *A República*, que designa o nascimento nas classes (ordens) e suas funções ou contestando e denunciando como Rousseau na sua obra *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade social entre os homens*, na qual aponta que a cerca, a propriedade privada, o isto é meu, a posse, é a origem e o fundamento da desigualdade social. Assim segue todos os marxistas e neomarxistas neste embate contra a desigualdade e do outro lado muitos

funcionalistas, liberais, religiosos conservadores, tentando justificar e naturalizar, tolerando a desigualdade.

Como bem situou Rousseau desde a origem da propriedade privada, a desigualdade é inerente, isto é alguém tem e alguém não tem, alguns tem demais e muitos não tem quase nada ou nada e isto pode ser visto e analisado ao longo da história da humanidade como fez Piketty na sua última obra. Mas talvez a situação mais alarmante, porque não dizer aberrante é o que se constata agora nestes tempos de Pandemia do Coronavírus, isto é, o aumento da renda dos bilionários em plena pandemia e por conseguinte o aumento da pobreza e da diminuição de renda do restante da população mundial. A situação inusitada de brincar de passear no espaço por alguns minutos ao custo de milhões de dólares enquanto milhões de pessoas não tem condições de pagar o transporte público para procurar emprego, ou pior ainda não tem alimento para comer.

Os dados e números são abissais e escandalosos. Para exemplificar, segundo o relatório da Oxfam 2022, a riqueza dos 10 homens mais ricos do mundo, dobrou durante a pandemia enquanto 99% da população da humanidade teve sua renda piorada, diminuída. E perversamente, a desigualdade contribui para a morte de pelo menos uma pessoa a cada quatro segundos. No Brasil os 20 bilionários têm mais riqueza do que 128 milhões de brasileiros, isto é, 60% da população. Piketty com seu World Inequality Lab chama a atenção que o 1% mais rico do Brasil são donos da metade (50%) da riqueza do país, enquanto que os 50% mais pobres detém 1% da riqueza. Uma inversão absurda.

Esta desigualdade histórica e agora mais evidente em tempos de pandemia - onde se esperava mais solidariedade, mais empatia - lança um desafiador questionamento: até onde e quanto pode e deve ser aceita e suportada? É ética ou injusta? Para pensar esta problemática buscar-se-á refletir sobre as explicações dadas, as ideologias usadas e perceber os efeitos destas justificativas. Com isso desejar-se-á questionar e provocar novas reflexões e ações diante desta realidade que tem este paradoxo inicial de causar indignação ('tem que mudar isso', 'não pode continuar assim'...) e logo em seguida causa conformação ('não tem o que fazer', 'não tem perspectivas de mudança', 'sempre foi assim'...). E para isso buscar-se-á um diálogo a partir da leitura de Peter Singer da sua obra *Ética Prática* e de Steven Pinker com sua obra *o Novo Iluminismo*, enfatizando suas posições, colaborando e confrontando com suas ideias e conceitos e trazendo novos interlocutores para ampliar a visão e o debate.

2. A desigualdade social para Peter Singer e Steven Pinker

Peter Singer traz a discussão sobre a desigualdade social, sobre a pobreza e a riqueza para o campo da Ética Prática. Muito interessante, provocadora, mas fica no nível pessoal, não compromete o social, institucional, o Estado. Quando ele fala dos mais ricos, fica no sentido de ajudar, de contribuir, de doar de forma pessoal, não institucional, pagando impostos progressivos. O argumento central de Peter Singer com premissas e conclusão, mesmo sendo uma exortação moral de muita importância, fica reduzido ao pessoal, isto é, se a pessoa tem condição de ajudar, de doar e isso não iria fazer ela sacrificar nada de importância moral comparável, então teria que fazer. Seria se estiver sobrando, doe! Ou no máximo: se você não usa, não precisa disso, doe! O que os Santos Padres já diziam que tudo aquilo que é supérfluo para você não é teu, é dos pobres! Isso é muito bonito, é desafiador, é até comprometedor, mas não é suficiente, não resolve, pois não é institucional, não é um pacto social, não é garantia que amanhã vai sobrar algo, que vai ser desafiado a doar, e para quem está na espera, muitas vezes a fome não deixa esperar. Esta posição de Peter Singer mesmo mais voltada para uma ética individual, isto é, como eu devo agir diante da desigualdade social, é avançada para a realidade atual, é provocadora e certamente inquietante, mas para uma perspectiva mais geral, que não seja só para quem pratica e para quem recebe, esta relação indivíduo X indivíduo, para que se estenda para grupos, regiões é necessário uma organização, um plano, um projeto, uma instituição, uma política pública, coordenada pelo Estado e com parcerias de entidades, ONGs. Mas isso com foco não em mera assistência de sobrevivência, mas de distribuição de renda, de educação e saúde, de empoderamento da pessoa, via emprego, educação e empreendedorismo (sem o viés neoliberal, que você pode, você consegue, é só querer...) tornando sujeitos construtores da sua história, das suas conquistas, do seu processo de emancipação social.

Já Steven Pinker situa a desigualdade social ao longo da história, enfatizando que o progresso, o novo iluminismo, vem diminuindo cada vez mais a desigualdade, que já foi muito maior, muito mais grave. Que a ciência, o conhecimento trouxe melhorias para todos, inclusive para os mais pobres. É inegável. Pinker faz esta análise totalmente assertiva e demonstra com exemplos, situações e inclusive números e dados estatísticos, mas isso não justifica, não explica, não pode fazer chegar a conclusão de que ‘então está bom’, ‘está melhor’, ‘está tudo bem!’ Não

é isso que Pinker diz, mas acaba levando e direcionando a diminuir a indignação e colaborando para uma aceitação, ‘pois já foi pior’, ‘era muito mais desigual’, ‘era muito mais injusto’, ‘era muito mais bárbaro, então agora está melhor...’ Sem desmerecer o estudo de Pinker, quanto a evolução e melhora causada pelo progresso, pode-se dizer que é óbvio, seria o esperado, teria que ter melhorado mesmo, não tem comparação da Idade Média até hoje, do início da Revolução Industrial até hoje... melhorou para todos, sim! Mas quando se fala em progresso, também se imaginaria um progresso na organização da sociedade, na progressão do espírito público, social, solidário, uma sociedade mais humana, mas empática, mais integrada e harmônica... mas não se constata isso. Tem-se o progresso para todos, todos melhoraram, mas o distanciamento, a falta de relações, (relações líquidas de Bauman) parece que aumentou ou mesmo permaneceu o mesmo, o que não significa progresso humano. Significa simplesmente progresso da ciência, da indústria, das relações de trabalho, da tecnologia e até da saúde, mas não das relações humanas. E a desigualdade social pode-se dizer que ficou mais abismal, mesmo Pinker tendo mostrado o contrário, pois hoje temos alguns passeando no espaço e outros morrendo de fome... a este abismo a humanidade nunca tinha chegado.

Pinker defende um Estado liberal, ele chama economia de mercado, como sendo a melhor maneira de redução da pobreza, assim sendo, seria como disse uma redução, um modo tolerável, aceitável, isso se aproxima muito da ideia do funcionalismo durkheimiano, cada um desempenhando a sua função. Isto é, é necessário ter ricos e pobres, é necessário ter alguns com mais e outros com menos, é preciso ter os patrões e os empregados e fora disso seria uma anomia, não teria a solidariedade humana, gerada pela coesão destas relações funcionais que cada um desempenha. Esta visão de mundo no máximo vai reduzir a pobreza para níveis de sobrevivência e para poder cumprir as suas funções. Pinker sabe que estamos na economia de mercado, como ele diz, e esta economia de mercado hoje não precisa mais de todas as pessoas para desempenhar funções em profissões e empregos, esta economia de mercado não precisa nem mais de massa sobrança de trabalhadores para barganhar salários menores. Pinker sabe que hoje nesta economia de mercado não tem trabalho, emprego para todos e muitos não contam mais, são invisíveis, são subhumanos, são descartáveis e pensar neles, fazer alguma coisa por eles é gasto social. A mão invisível do mercado, nunca vai afagar, acarinhar, abraçar essas pessoas e muito menos gastar com eles. Só uma economia, nomos = normas da casa = eco, mas da casa grande - não a casa grande do senhor de engenho e a senzala do escravizado - mas a

casa ecológica, a grande casa mãe terra, a casa de todos nós, isto é uma economia mais sustentável, humana e solidária não vai ver isso como gasto social, mas como resgate, como inclusão, como cooperação, como cuidado, como progresso humano. Este progresso humano que a sociedade está precisando, onde se valoriza todos os seres humanos, onde se cuida da grande casa, mãe terra, meio ambiente e assim não se teria mais medo ambiente dos outros irmãos humanos, medo ambiente do aquecimento global, da crise climática, das chuvas e das secas. Este progresso humano humanizaria cada vez mais, este progresso humano igualizaria nas diferenças.

3. Desigualdade social: fracasso nas oportunidades

Se o progresso é para todos, como diz Pinker, então aqueles que não conseguiram melhorar de situação ou mesmo se manter, fracassaram e a culpa é deles mesmo. Esta visão de progresso não é defendida abertamente por Pinker, mas é possível fazer esta leitura a partir da sua abordagem. Se o progresso trouxe melhoria para todos, por que alguns (que são uma maioria considerável) não conseguiram? O progresso deveria levar todos para o sucesso, todas as condições históricas macros estavam disponíveis para todos, por que alguns (muitos) não utilizaram? Este progresso causa um darwinismo social? Alguns se esforçam mais? Alguns merecem mais? Pinker não entra nesta discussão, mas parece que sua abordagem passa perto, deixando entender que quem conseguir fazer mais sinapses neurais, quem tiver mais neurotransmissores, terá mais chances de vencer, de progredir. Provocações e ironias à parte, mas mesmo para ter mais sinapses significa ter melhores condições desde o nascimento e isso não é natural, é social. E isso é determinante na maioria dos casos pela economia de mercado, pelo poder de aquisição, manutenção e ampliação dos bens disponíveis.

Progresso, sucesso lembra meritocracia. Ampliando a discussão e a visão Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, lembra que na atual fase da economia de mercado, no neoliberalismo, o sujeito do desempenho, se auto explora, se explora voluntariamente na busca desenfreada por liberdade e sucesso. É um paradoxo muito estranho, pois quanto mais se auto explora mais liberdade pensa que tem, mais sucesso imagina que conquistou. E também, como diz o filósofo sul-coreano, o neoliberalismo é um sistema muito eficiente, inteligente na exploração da liberdade.

A palavra sucesso que etimologicamente diz o que o se entende, isto é, do latim *successus, us*, entrada, abertura; aproximação, chegada, vinda; bom resultado, bom êxito. Mas parece que ela traz o antagonismo, a contraposição com o fracasso, mas mais do que isso, parece também latente que para alguém ter sucesso, tem que necessariamente ter alguns que assim reconhecem, aplaudem. Isto é, alguém se sobressai, se coloca no lugar mais alto, no pódio, no palco, na pirâmide social. Sucesso é individual, é pessoalizado, é a busca meritocrática, que diz ‘eu consegui’, ‘eu cheguei’, ‘eu venci!’ É o exacerbismo do neoliberalismo que não contempla o outro, os outros, muitas vezes nem como agradecimento politicamente correto, de uma hipocrisia social necessária, para não ser pretensioso e arrogante. Muito menos como reconhecimento de um processo social, familiar, que tem história, que tem raízes e quiçá da justa percepção que isso gera uma dívida social que deve impelir a se comprometer. Isso não comporta no sujeito do sucesso, só seria possível num sujeito que entende como processo, que caminhou, que andou, que percorreu e que muitas vezes foi junto, conduzido, orientado, ajudado por outros, na ideia de processo tem um conjunto de ações, tem o social, tem os outros. Mas isso não seria a meritocracia tão incensada, isso não seria o sucesso do sujeito do desempenho do neoliberalismo.

A ideia de processo ao contrário da ideia de sucesso, atrelada ao progresso leva a pensar que é possível vislumbrar um processo social de construção de uma sociedade menos desigual e pode começar com a ética prática de Peter Singer, que se importa com o outro, e o outro a priori é o indivíduo que está próximo, que está visível e isso remete a ética de Levinas, o rosto do outro que provoca, que convoca o Eu a ser responsável pelo outro, incondicionalmente. Que por consequência epistemológica deste campo ético, chega-se a Enrique Dussel que evidencia que este rosto do outro é o rosto do Outro empobrecido, excluído e oprimido e que só uma ética da libertação, que pensa e age socialmente, isto é uma práxis social, na luta ético-política para fazer a construção de um mundo justo para todos. Se está longe de uma ética assim, se é utópica demais, se é quase que inatingível, certamente pensa-se assim por um princípio simplificador como diria Morin, que enxerga o mundo do jeito que sempre foi, da ordem das coisas, da organização da sociedade até então, do modelo das instituições, de como se explicam as coisas e a sociedade, de como se faz ciência, dos sistemas políticos, do modo de produção econômico capitalista até então como o único possível, mas se permitir pensar com o princípio da complexidade englobando as contradições e antagonismos, as certezas e as incertezas, o caos e

a ordem, a dialética das forças opostas, talvez se valorizando e evidenciando experiências de cosmopolitismos subalternos como salienta Boaventura de Souza Santos, e se isso for catalisado pela escola e virar programa, projeto, objetivos, base curricular, tema e conteúdo na educação talvez será um embrião de ideias de uma superestrutura da sociedade que começará a questionar as infraestruturas de séculos assim postas e vividas como únicas. Como disse Frei Betto: “a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”. É a infraestrutura definindo a superestrutura, mas como dizia Gramsci com seu conceito de hegemonia e Boaventura com o cosmopolitismo subalterno a superestrutura também influencia, podendo alterar a infraestrutura e é isso que se espera da educação: uma nova concepção de mundo. Um mundo possível para todos!

4. Desigualdade social na Educação

A construção do progresso se deu e se dá pelo conhecimento, pela ciência, pela pesquisa. E a educação tem papel determinante nesta empreitada. Além do simples progresso, que não é nada simples ou pequeno, mas que não alicerçada numa nova visão de mundo, vai simplesmente reforçar, legitimar na superestrutura e reproduzir na infraestrutura, isto é, a ideia de progresso que até hoje vigorou e que mantém as estruturas e o *status quo* da sociedade, continuando as diferenças abissais de desigualdade. Espera-se da educação a redenção das desigualdades ou no mínimo a redução. Mas como já alertado pelo mestre Paulo Freire que “sozinha a educação não transforma a sociedade, mas sem ela tampouco a sociedade muda.” (Freire, 2011) E o próprio mestre ainda lembra que “educação não transforma o mundo. Educação transforma as pessoas. Pessoas transformam o mundo” (idem, 2011). Isto é, a educação é o caminho, é uma forma de mudança, talvez a principal, mas não se pode responsabilizá-la por tudo ou colocar nos seus ombros um peso além do suportável. Se o alerta do ‘sozinha’ fosse ou for dado a importância devida, poderia vislumbrar algo diferente, isto é, se for um processo social, com mais instituições, com mais investimentos, com mais priorizações de discursos e práticas, de planejamentos e ações da sociedade como um todo, as pessoas começariam a se transformar e é possível que transformariam o mundo.

Mas o que se tem hoje é uma brutal desigualdade na educação, entre os sistemas públicos e privados e nesta pandemia do coronavírus ficou mais evidente. Não é nada diferente da desigualdade constatada em outras áreas como saúde, transporte, infraestrutura nas cidades,

segurança, emprego, salários, mas na educação é crucial pois ela poderia ser como já citado, a redenção ou a redução destas outras todas desigualdades. Não é a escola pública, sua estrutura, seus recursos humanos que determinam esta desigualdade. Parece estranho frisar isso, mas é senso comum e portanto ideológico ouvir sobre o sucateamento dos prédios escolares, da falta de equipamentos, computadores, internet, da falta de professores. Inegável que tem diferenças, mas estas diferenças não são as determinantes. Se comparar prédios e equipamentos de escolas particulares e escolas públicas, é óbvio que as particulares terão alguns ambientes e tecnologias que muitas vezes servem mais como propaganda comercial. Se comparar os recursos humanos, corpo docente, perceberá que a maioria dos professores de escolas particulares fizeram e continuam fazendo concurso público para ingressar na escola pública e que recebem remuneração menor que na escola pública. Não se está afirmando que a remuneração é justa e ideal e que os professores concursados são melhores. Então, também, talvez, a desigualdade não é tanto pelos recursos humanos. Então qual seria a diferença que causa a desigualdade? Que amplia as desigualdades? Como já mencionado são as mesmas desigualdades já existentes, a escola só continua reproduzindo. Agora, durante a pandemia, estudantes de famílias com mais renda estudaram 50% mais horas do que os estudantes de famílias de renda baixa, além de terem feito em melhores condições. Só aumentando a desigualdade.

Uma explicação seria o capital cultural de Bourdieu. O que distinguiria seria os estudantes, suas famílias. A diferença está nas famílias que não vê na educação uma possibilidade de melhora, alguns até verbalizam que sim a educação é esta possibilidade, mas o exemplo das suas vidas, a necessidade de parar de estudar e trabalhar, de trabalhar numa profissão que não exige escolaridade, só reforça que não é pela escola. Ao passo que outras famílias falam e demonstram com suas vidas que é pela educação que conseguiram, que melhoraram de situação. Muitas famílias não têm o hábito da leitura, não tem nem tempo pra isso, não tem espaço para fazer isso, isto é, não tem exemplo de alguém estudando, lendo. Ao passo que outras famílias as crianças enxergam suas mães e pais lendo, estudando, com um ambiente, uma mesa, um computador, dando importância e dedicação aos estudos. Muitas famílias nunca foram, nunca tiveram oportunidade e possibilidade de visitar um museu, uma exposição, um teatro. Ao passo que outras famílias isso é programa semanal, é lazer. Muitas famílias não conhecem nem os pontos turísticos da sua cidade, não frequentam, não tem dinheiro para se deslocar até eles. Ao passo que outras famílias fazem viagens nacionais e

internacionais conhecendo novos lugares, cidades e países. Isso Bourdieu chamou de capital cultural e que vai fazer toda a diferença. Ainda seria importante frisar que muitos estudantes não tem uma sala, não tem um quarto, não tem uma casa e nem uma família. Não tem um cuidado e um carinho, não tem alguém para se preocupar e perguntar como foi na escola, se fez as atividades, não tem um colo, um abraço, um beijo de boa noite. E pensar que alguns defendem a meritocracia!

Cabe ainda salientar que a reforma do Novo Ensino Médio vem para legitimar, sacramentar e ampliar esta desigualdade. Pois o que se tem é um verniz ideológico, que agora o estudante pode escolher o seu itinerário, isto é, só estudar o que gosta, que pode fazer oficinas e cursos profissionalizantes, que pode se preparar para o mercado de trabalho e empreendedorismo. Parece bonito, mas é um embuste! Anteriormente foi citado a estrutura das escolas públicas, que não seria tão sucateada como a mídia e o senso comum descreve, mas sem ingenuidade, se sabe que não tem espaços ociosos nas escolas, não têm salas disponíveis, ambientes diferenciados para ser usados, então já começa por aí, como fazer oficinas, escolher seu itinerário, turmas? Isso pressupõe muitos ambientes e salas para serem usadas e isso não tem. Cursos profissionalizantes e empreendedorismo, esta é a mais cruel faceta do neoliberalismo, envernizada como se fosse uma preocupação com o social e com os interesses do estudante a curto prazo. Pois bem, nada mais é do que trabalho precarizado, salário baixo e pouca qualificação e o empreendedorismo é ilusão de não ter patrão, mas também não tem direito nenhum. Sem falar que empreender sem ter nada para começar é enganação fadada ao fracasso, e a culpa será do fracassado, pois será apresentado como propaganda sempre 1 ou mesmo 10 de 100 que deu certo, mas e os outros 90? E para completar reduzindo a carga horária de componentes curriculares tradicionais as portas das universidades se fecham para os mais pobres, pois além de ir logo para o mercado de trabalho ou empreender, mesmo se tentar a universidade agora talvez lhes faltarão as bases para ser aprovado numa seleção de ingresso.

Considerações finais

O diálogo estabelecido com Peter Singer e Steven Pinker, e com mais alguns pensadores citados evidencia que a temática continua aberta e desafiadora. No máximo se problematizou

alguns pontos acompanhando na reflexão e em outros ampliando com mais pensadores para aprofundar, questionar e dar continuidade.

O que se solidificou no diálogo com a ética prática de Peter Singer quanto a desigualdade, é esta necessária inquietação que a situação do outro me provoca e se provoca é injusto, e se me leva a ação é porque precisava ser feito diferente e faço o que eu posso fazer, como diz Singer, sem sacrificar nada de importância moral comparável. Acrescentou-se a esta abordagem a ética de Levinas, com o rosto do outro, e diante deste rosto do outro, me torno responsável incondicionalmente. O outro me leva a agir, a querer o melhor para ele e para todos. E este rosto do Outro, é o excluído, o empobrecido como lembra o filósofo argentino Enrique Dussel. Este Outro marginalizado, oprimido precisa de libertação e esta libertação é social, ética-política. Não basta mais ajudar o outro sem sacrificar nada de importância moral comparável, não basta ser responsável incondicionalmente pelo outro, a ética diante da desigualdade é uma luta pela libertação e a construção de uma nova sociedade.

Com Steven Pinker, mesmo ironizando sua ideia de progresso, que tudo progrediu, e este pleonasma é intencional, porque é óbvio que as coisas melhoram desde os tempos primitivos até hoje, em qualquer época e situação. mas também é inegável que não se pode falar em progresso humano, pois pressupõe um nível de evolução, um nível de desenvolvimento humano que não tem porque não ter sido atingido. Isto é, se o progresso científico, tecnológico salta aos olhos o quão possível chega a inteligência, a organização, a produção dos seres humanos, portanto é óbvio que se pode passear no espaço por uns minutos, também poderia desenvolver um aplicativo que garantisse que nenhuma criança iria morrer de fome. Ou se desenvolveria um chip para instalar nos corações tornando-os solidários e desejos do bem comum, do bem estar coletivo. Esta ironia aqui utilizada é para significar que a humanidade já chegou a um progresso da inteligência, tecnológico e científico em todas as áreas e portanto se sabe causas e consequências, origens, efeitos e soluções. Então por que não se resolve? Por que não se trata como uma aberração injustificável, intolerável? Mas não, ao contrário, se justifica, se explica e se mantém, inclusive ampliando as desigualdades. ampliando a milhares de km/s (fogete espacial) e a milhares de quilômetros de altura (cápsula espacial, nave), de distanciamento e para o alto para ser um exemplo de quão é a superioridade, do topo (turismo espacial) e a relação com os de baixo (criança morrendo de fome). Progresso para todos é

garantia de no mínimo a alimentação, mas comida é pasto, bebida é água; e ainda se tem fome e sede de educação, saúde, cultura e lazer, como cantavam os Titãs.

Outros pensadores ajudaram a estabelecer um campo mais ampliado da ética solidária, da ética com responsabilidade com o Outro, com o coletivo, com todos. Todos eles verbalizam, denunciam e muitos deles são ou foram ativistas contra a desigualdade e portanto acusam de injusta, de que não se deve aceitar, normalizar, naturalizar a desigualdade social. Todos eles vislumbram em suas utopias um mundo mais justo e participativo para todos. Levinas, Bauman, Byung-Chul Han, Boaventura, Enrique Dussel, Paulo Freire denunciam a exploração, a globalização, o neoliberalismo, cerram fileiras ao lado e junto com minorias (que são majorias), empobrecidos, oprimidos, explorados, descartados e invisíveis e anunciam que é possível um mundo melhor para todos.

Enquanto se espera (no sentido de esperar, isto é, fazendo acontecer) a construção de uma sociedade menos desigual pautada na solidariedade humana, na ética humana, no cuidado com todos é necessário algumas medidas para minorar, diminuir esta desigualdade abissal, é preciso garantir que não morra criança de fome e para isso não tem jeito, tem que tirar de quem tem para repassar para quem não tem, e tem que ser um pacto social, uma política pública, o ideal é que fosse uma ação de governança mundial, intergovernamental conduzida por organizações internacionais, tipo a ONU, mas se isso não for possível, cada país, cada região, cada cidade faça concretizar estas boas intenções, estes projetos de distribuição de renda, essas políticas públicas já pensadas e muitas testadas e aprovadas para dar um basta nesta aberração humana que é a miséria, a inanição humana pela fome, desnutrição e até pela água. E a medida mais urgente, necessária e rápida de produzir resultados é cobrar mais impostos dos mais ricos. Curiosamente, vimos milionários e bilionários pedindo para pagar mais impostos, pedindo para serem cobrados. Certamente Peter Singer diria que é uma atitude ética e Robert Nozick diria que seria um exemplo da sua ideia de contribuição voluntária. Mas lembrando que a Noruega estipula que todo cidadão pode fazer este voluntarismo, mas isso acima da taxa obrigatória.

No Brasil tem a regulamentação do Inciso VII do Artigo 153 da Constituição Federal de 1988 que até hoje não foi regulamentado, será por quê? É o famoso IGF, imposto sobre grandes fortunas que incidiria sobre 0,1 % da população brasileira, o qual geraria bilhões de reais e ajudaria no combate às desigualdades. Também a taxa sobre lucros e dividendos que

que teve um aumento no PL 2337/21 aprovado na Câmara e agora segue para o Senado, mas ainda é um aumento nada ousado para a realidade brasileira agora ainda dramaticamente ampliada pela pandemia e pelas intempéries causadas pela impacto das alterações climáticas. Isto é, precisa taxar os mais ricos, lembrando que alguns deles estão pedindo para pagar mais impostos. Ainda tem os impostos sobre artigos de luxo e equipamentos tipo jatinhos, helicópteros e iates. Cabe citar que, segundo pesquisa da Oxfam, 84% dos brasileiros concordam em aumentar os impostos dos muito ricos para financiar políticas sociais. Mas também é necessário medidas locais de cooperação, conscientização e educação, Fomento e subsídios para construção de pequenas cooperativas de todos os possíveis tipos de trabalho, com educação e formação de cooperativismo, só isso mudaria a mentalidade e qualidade de vida de muitas pessoas e famílias. Orçamento participativo em todas as cidades brasileiras, isto é, o povo conhecendo sua arrecadação e destinando para suas reais necessidades, seria outra medida também de grande impacto de formação política e cidadã. E se nada disso mais for conseguido realizar devido a nossa visão individualizada, nossa moral egoísta, então seria necessário implantar uma renda cidadã básica universal.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição federal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- HAN, Byung-Chull. **Psicopolítica, o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.
- LEVINAS, Emanuel. **Ética e Infinito**. São Paulo: Edições 70, 2007.
- OXFAM. **Relatório anual 2022, A desigualdade mata**. Reino Unido, 2022.
- PINKER, Steven. **O Novo Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Poderá o Direito ser emancipatório? **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra, v. 65, p. 3-76, maio 2003.
- SINGER, Peter . **Ética Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.